

Resenha



CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA: Machado de Assis. São Paulo: Instituto Moreira Sales, n. 23/24, jul. 2008.

Jaison Luís Crestani*
Álvaro Santos Simões Junior**

As comemorações do centenário da morte de Machado de Assis (1908-2008) constituíram, à maneira de celebrações anteriores (1939 e 1958), um momento de efusão de abordagens plurais, empenhadas em desbravar novas perspectivas teóricas e releituras inusitadas da obra daquele que é considerado o nosso maior escritor. Dentre a extensa programação de eventos e as variadas publicações que marcaram o “Ano Nacional de Machado de Assis”, merece destaque a homenagem realizada pelo Instituto Moreira Sales com a dedicação dos *Cadernos de Literatura Brasileira* ao exame de sua obra.

Num período em que a obra machadiana começa a adquirir um franco reconhecimento internacional, os *Cadernos* apresentam uma contribuição fundamental para o estudo da produção literária de Machado de Assis, não só pela reunião de ensaios de críticos renomados, mas também pela reprodução e atualização de documentos pouco acessíveis atualmente, e pelo amplo levantamento bibliográfico da recente fortuna crítica do autor.

Na seção inicial do livro, “Memória seletiva”, é reproduzido e atualizado o estudo cronológico mais preciso e completo da vida literária do autor: a “Cronologia de Machado de Assis”, de José Galante de Souza, publicada originalmente na *Revista do Livro*, em 1958. Da atualização desse material, cumpre destacar a referência à criação, no ano de 2000, da Cátedra Machado de Assis no Centro de Estudos Brasileiros da Universidade de Oxford, no Reino Unido, e a menção à realização da “Machado de Assis week”, em Londres, no ano de 2007. Esses eventos dão mostras da crescente importância internacional que a obra machadiana vem adquirindo desde o final do século XX.

Na seção seguinte, “Confluências”, enfoca-se a inquietante controvérsia em torno da presença da natureza na obra de Machado de Assis, contando com a contribuição de Carlos Heitor Cony, Antonio Candido e Marcelo Coelho, que se empenham em mostrar os equívocos da crítica tradicional ao negar a existência de paisagem em Machado. Nessa linha, Candido enfatiza o pioneirismo das apreciações de Roger Bastide – em sua opinião, “a primeira leitura moderna dos textos machadianos”, para quem a natureza em Machado de Assis “não é descrita, mas fundida em todas as dimensões do universo ficcional” (*CADERNOS*, p. 47).

Na seção “Machado de Assis por ele mesmo”, são recolhidas diversas passagens de suas crônicas e ensaios críticos que sintetizam o pensamento do escritor a respeito da literatura, da linguagem, dos gêneros literários e jornalísticos e de questões culturais, políticas e sociais do meio brasileiro. A título de ilustração, convém mencionar uma das inúmeras passagens que revelam a concepção artística do autor: “O talento está em fazer de assuntos velhos assuntos novos – ou pelas idéias ou pela forma” (“A Semana”. *Gazeta de Notícias*, 26 jul. 1896).

Finalizando essa parte de caráter mais documental, os *Cadernos* apresentam um ensaio iconográfico, elaborado pelo fotógrafo Edu Simões, com um conjunto de imagens do Rio de Janeiro contemporâneo, cujos espaços poderiam ainda hoje ser habitados pelas personagens machadianas. A esse material, soma-se a seção de “Manuscritos”, com a reprodução de fac-símiles de poemas do autor que ainda conservam as suas versões manuscritas.

Na segunda parte dos *Cadernos*, são apresentados os ensaios críticos de renomados pesquisadores da obra machadiana. Abrindo a seção, Alfredo Bosi investiga as figurações do narrador machadiano e o jogo insólito entre as diversas vozes narrativas, marcado pelo embaralhamento das posições, que

desafia a compreensão do leitor. Contornando a divisão convencional entre narradores oniscientes e narradores subjetivos, Bosi defende a existência de um campo intersubjetivo comum, do qual participa a própria figura do *scriptor*, conferindo uma dinâmica formal às contradições estruturais e ideológicas da sociedade brasileira.

Na sequência, John Gledson apresenta uma leitura inovadora do conto “A parasita azul” (*Jornal das Famílias*, 1872; *Histórias da meia-noite*, 1873), evidenciando as experimentações formais que seriam aperfeiçoadas em seus romances posteriores. Em sua opinião, o conto constitui a “primeira tentativa – em certa medida fracassada – de dar forma ficcional a uma estrutura triangular [combinação entre o forasteiro educado no exterior, a mulher ambígua e sedutora, e o tolo local], que tem toda a instabilidade e o drama inerentes a essa forma” (*CADERNOS*, p. 182). Nesse sentido, “A parasita azul” revela, na visão de Gledson, o empenho do escritor em buscar formas ficcionais que dramatizassem a estrutura social e a situação nacional de dependência.

No plano propriamente literário, Gledson salienta o decisivo investimento na superação das limitações locais por meio da paródia dos principais romancistas que o precederam (Macedo, Almeida e Alencar). Evidentemente, o conto não alcança um sucesso completo; o humor é, com frequência, desajeitado, e as insinuações irônicas e/ou satíricas nem sempre logram o efeito desejado. Para Gledson, essas dificuldades são explicáveis pelo fato de que os objetivos eram mais ambiciosos do que os meios expressivos que Machado dominava nesse período. Dessa forma, uma realização mais acabada desses propósitos só seria alcançada com *Brás Cubas*, após um processo contínuo de experimentação literária.

No ensaio seguinte, Jean-Michel Massa estabelece uma análise da desenvoltura do jovem Machado como dramaturgo e crítico teatral num período de intensa produção: a década de 1859-1869. Fundamentando a sua apreciação em fatos e documentos, Massa demonstra a complexidade dessa fase criativa: numerosas traduções desapareceram, algumas foram perdidas e outras foram apenas esboçadas e nunca acabadas. A despeito dessas dificuldades, a análise apresentada por Massa reconfigura a visão sobre o comportamento social do jovem Machado. Recuperando registros que demonstram a sua intensa participação em reuniões e saraus literários da época, com inúmeras declamações de poesias, Massa contesta a idéia de que o escritor tenha sido gago e epilético em sua juventude. Em termos de criação literária, o crítico expõe a preocupação do autor em formar o seu próprio público, priorizando a interlocução com a figura feminina e defendendo a função civilizatória do teatro.

O ensaio de Cristovão Tezza retoma a discussão sobre a suposta ausência da paisagem e do universo rural na obra machadiana. Contornando a exigência romântico-nacionalista do exotismo paisagista, Machado de Assis centra o seu olhar na ascensão do processo de urbanização do Brasil, inaugurando uma nova vertente literária: a da prosa urbana. Tezza demonstra que essa revolução do olhar machadiano, considerada pela crítica da época como uma “limitação” do autor, fundamentou-se na percepção antecipada do esvaziamento da função descritiva na literatura moderna, após o advento da fotografia, firmando, assim, a sua opção decisiva pelas formas de subjetivação.

Na sequência, Lúcia Granja aborda a interação do cronista com o público e com o jornal no qual exercita a sua escrita. Identificando a preocupação do escritor com a situação cultural do país, a pesquisadora assinala a atitude “não-realista, moderna, shandiana” do autor no “reconhecimento do leitor como parte ativa da construção de efeitos” (*CADERNOS*, p. 257). Assumindo uma postura exigente, normativa e polêmica, Machado de Assis converteu o seu jornalismo literário em uma tribuna poderosa na qual defendeu seu ideário político e estético. Nesse sentido, Lúcia Granja atenta para as diversas figurações autorais adotadas no meio jornalístico – o crítico, o cronista, o ficcionista e o articulista –, os quais se amalgamam em seus papéis e na própria relação com os veículos em que atuam.

Finalizando a seção de ensaios, Hélio de Seixas Guimarães percorre os estudos mais representativos da fortuna crítica do autor. Organizando a sua abordagem por tríades, Guimarães argumenta que, sob

o olhar dos críticos contemporâneos do autor (Romero, Araripe Jr. e Veríssimo), Machado foi “muito mais consagrado do que lido ou compreendido” (*CADERNOS*, p. 276). Essas leituras ilustram os descompassos que se firmaram entre a produção ficcional machadiana e as expectativas do tempo. As apreciações críticas ressentem-se do escasso nacionalismo de suas obras, além de perceberem o uso peculiar das tradições literárias como uma inadequação. Conforme a indicação de Guimarães, nessa recepção inicial já se delinea uma das principais linhas de força e de tensão que dominariam a fortuna crítica do autor: a definição da pertença da obra machadiana – nacional ou universal?

Com a tríade seguinte, Astrojildo Pereira, Lucia Miguel Pereira e Augusto Meyer, Guimarães observa que o pêndulo continuou a oscilar fortemente entre integração da ficção machadiana ao contexto brasileiro e a ponderação da sua dimensão universalista. Astrojildo enfatizou a inserção profunda de Machado na vida social brasileira; Lucia propôs uma compreensão dialética da questão, enquanto Meyer valorizou a feição universal de sua obra, investindo em estudos comparativos, fundamentados na noção de intertextualidade.

A terceira e última tríade é composta essencialmente pelos nomes de Roberto Schwarz, John Gledson e Alfredo Bosi. Guimarães demonstra que esses estudiosos foram influenciados pelo livro de Helen Caldwell, *O Otelô brasileiro de Machado de Assis* (1960), que impulsionou fundamentalmente a ampliação da recepção internacional da obra machadiana, além de constituir o marco inicial das leituras baseadas na não-confiabilidade dos narradores machadianos. Essa apreciação resultaria em desdobramentos importantes nas décadas seguintes, permeando os estudos críticos dos três membros da tríade, embora com enfoques divergentes. Investindo na problematização dos narradores machadianos, Gledson e Schwarz, assim como Faoro, compartilham o interesse pela análise das conexões entre a obra de Machado e os processos sociais e históricos do Brasil. No outro vértice, Alfredo Bosi relativiza a abordagem sociológica e enfatiza as implicações filosóficas, psicológicas e existenciais da obra machadiana, valorizando o seu alcance humano e universal.

Tendo percorrido mais de um século de fortuna crítica, Guimarães estabelece como a tensão de maior recorrência a indagação sobre a pertença da obra machadiana – nacional ou universal? Em vez de priorizar um sentido unívoco, o ensaísta prefere indicar o passo decisivo da autonomização da prosa de Machado em relação às práticas literárias brasileiras do período: “a convocação à forma livre de Sterne e a invocação dos modos de Xavier de Maistre, Chateaubriand, Shakespeare, Swift, Lamb, Fielding, Carlyle, Goethe, Heine, Garrett, Camilo, Cervantes, Sá de Miranda, Dante, Leopardi...” (*CADERNOS*, p. 291). Para Guimarães, a consciente manipulação e o embaralhamento de uma diversidade de referências e modelos ocasionaram a desestabilização dos paradigmas fixos ou estáveis, alinhando-se também aos fenômenos da ambigüidade e relativismo tão marcantes em sua obra.

Para finalizar essa expressiva contribuição aos estudos da obra machadiana, os *Cadernos* apresentam um “Guia”, com um amplo levantamento das obras do autor e suas traduções no exterior, e com uma complementação atualizada das fontes bibliográficas inventariadas por Galante de Souza, Jean-Michel Massa e Ubiratan Machado. Nesse rol, além da referência clássica aos estudos publicados em livro, são indicadas as pesquisas acadêmicas (teses, dissertações e monografias), os artigos publicados em periódicos e revistas eletrônicas, as adaptações para o rádio, a televisão, o teatro, o cinema e a música, as exposições artísticas, as histórias em quadrinhos e os sites da Internet dedicados ao autor.

Finalmente, pode-se considerar que a visão plural da vida e da obra de Machado de Assis, apresentada pelos *Cadernos de Literatura Brasileira*, alinha-se à pluralidade de formas literárias cultivadas e à diversidade de tradições assimiladas pelo Bruxo do Cosme Velho, o que lhe facultou a criação de uma obra multiforme e de alcance inesgotável, capaz de desafiar os exercícios críticos pelos tempos afora.

Notas explicativas

* Doutorando – UNESP – Assis.

** Professor do Departamento de Literatura – UNESP – Assis.

